



NARRATIVAS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: (RE)SIGNIFICAÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL¹

Sayonara Cunha de Paula²Aline de Oliveira Vieira³Wagner dos Santos⁴

RESUMO

Analisa, por meio das narrativas memorialísticas de alunos do curso de Educação Física (EF) as experiências avaliativas vivenciadas na educação básica (EB) e suas possíveis (re)significações na formação inicial (FI). Caracteriza-se como pesquisa narrativa (CERTEAU, 1994). Os resultados visibilizam que a rememoração da EB é marcada pela tríade avaliação, rendimento e nota. Ao projetarem sua prática avaliativa estas questões perdem força diante das novas perspectivas tecidas na FI.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação; Narrativas; Formação Inicial.

1 INTRODUÇÃO

Em levantamento recente em quatorze periódicos da EF, no período temporal de 1932 a 2014, Frossard (2015) identificou e mapeou 56 artigos sobre avaliação educacional. Dezoito deles assumem como nível de ensino a FI. Apesar do investimento no tema, não encontramos pesquisas que se dedicam a dialogar com um universo variado de universidades de diferentes regiões do País.

Dentre os estudos que se aproximam da nossa proposta está o de Santos e Maximiano (2013), que abordaram como os discentes, no término da FI do curso de Licenciatura em EF da Ufes, significam suas experiências com a avaliação na EB. Dentre as diferentes questões, destaque foi dado ao entendimento da avaliação como sinônimo de nota. Além disso, a leitura que produzem sobre suas experiências avaliativas, mesmo ao final do curso, se fundamenta em instrumentos avaliativos, não dialogando com as concepções que lhe oferecem suporte.

No contexto das Licenciaturas, Souza (2006) sinaliza a importância de colocar o aluno no papel de professor *aprendente*, ou seja, na ação de pesquisar sua própria prática. Ao dialogar com o conceito de projetos de formação, o autor aponta a necessidade de pesquisas que analisem as trajetórias discentes, identificando como o aluno, ao narrar suas experiências com a escola antes da entrada na Universidade,

1A pesquisa possui financiamento do MCTI/CNPq, nº: 481424/2013-0.

2 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sayocpaula@hotmail.com

3 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ninna.maguinhos@gmail.com

4 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), wagnercefd@gmail.com

produz diferentes leituras sobre o praticado, as resignificando, e com isso, projetando novas possibilidades para sua futura atuação profissional (SOUZA, 2006).

Diante disso, pretendemos analisar, por meio das narrativas memorialísticas de alunos do curso de FI em EF, as experiências de avaliação vivenciadas nas aulas de EF na EB, e discutirmos em que medida a FI contribui para as (re)significações dessas experiências.

2 METODOLOGIA

Assumimos, no diálogo com Certeau (1994), a noção de narrativa como relatos de espaço, os modos que os discentes colaboradores organizam suas falas, que puxam da memória, suas práticas com avaliação em EF.

A delimitação das instituições participantes seguiu os critérios: a) ser uma Universidade federal; b) ter em seu currículo uma disciplina específica obrigatória que trata da avaliação em EF escolar e; c) ter o curso de Licenciatura em EF na modalidade presencial.

De um total de 63 Universidades, 43 ofertam o curso. Destas, 9 atendem aos critérios, sendo elas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Piauí (UFPI), de Alagoas (UFAL), de Pernambuco (UFPE), rural de Pernambuco (UFRPE), Ceará (UFC), de Ouro Preto (UFOP), de São Carlos (UFSCAR) e Fluminense (UFF).⁵

Para a produção das fontes visitamos as instituições nos meses de outubro e novembro de 2014, e abril e junho de 2015. Em diálogo com 45 alunos operamos com a produção de fontes por meio de questionário e entrevista semi-estruturada em grupo e individual. O questionário dividia-se em: 1) identidade dos estudantes; 2) experiências avaliativas com a EF na EB; 3) atuação docente na EB, com foco nas práticas avaliativas.

A entrevista em grupo contou com a participação de 6 a 9 estudantes por Universidade. Objetivou ser um momento de rememoração individual e coletivo. Tendo como tema a avaliação, suas experiências na EB, na formação e nos momentos de prática docente. A entrevista individual foi realizada com dois alunos de cada universidade e objetivou aprofundar as narrativas.

3 AVALIAÇÃO: DA REMEMORAÇÃO À POSSÍVEIS (RE)SIGNIFICAÇÕES

A análise narrativa possibilitou-nos criar dois eixos: 1) Experiências com avaliação na EB; e 2) Releitura das experiências na graduação.

Apesar de estarmos dialogando com alunos de diferentes instituições, as narrativas se aproximam ao relatarem o modo como foram avaliados. No Gráfico 1 visualizamos os instrumentos e critérios avaliativos mais indicados pelos alunos na EB. Para sua elaboração, utilizamos as respostas obtidas na questão 3 do questionário (*Vocês tiveram algum tipo de avaliação na EF na EB? Se sim, quais os instrumentos?*).

⁵ UFPE e UFC ainda não apresentavam alunos finalistas, sendo assim, não participaram da pesquisa.

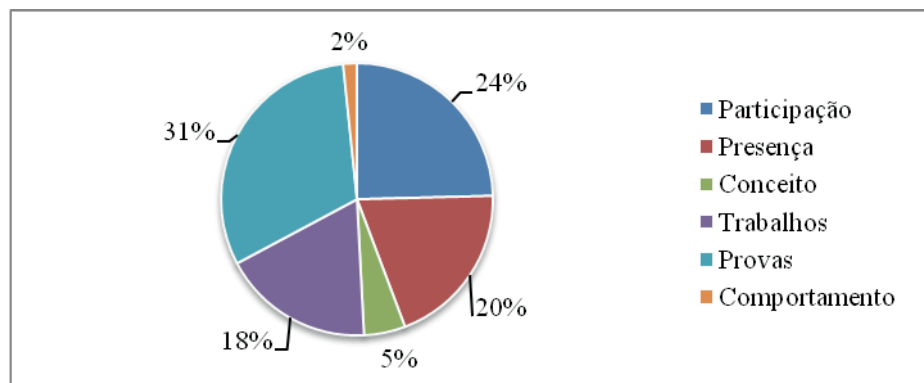


Gráfico 1 - Instrumentos avaliativos presentes no rememorado com a EB
Fonte: os autores.

A prova foi o instrumento mais citado, geralmente referiam-se a prova escrita e/ou prática. Chamamos atenção para as maneiras como foram utilizadas, em que sua valorização recaia, na maioria das vezes, apenas na aptidão física, como relata Beatriz:

[...] No ensino fundamental II, tinha uma aula especificamente física, que era polichinelo, abdominal, flexão e os alunos que aguentassem mais tempo ganhavam a nota maior (Beatriz, UFF, 2014).

Tomando como referência o processo de formação de professores no Brasil, Palafox e Terra (1998) salientam que a avaliação se limitou durante muito tempo, a verificar se o aluno aprendeu ou não o que foi passado para ele, por meio de julgamento de valor, fundamentados em padrões preestabelecidos. No que diz respeito à EF, os autores apontam que a prática dos professores esteve frequentemente ligada à reprodução dos modelos de ensino vinculados a aptidão física e habilidades desportivas.

Ao se remeter ao processo de escolarização e a inserção da EF nesse ambiente, percebe-se que as práticas corporais adentraram tardiamente na escola e com uma natureza diferente dos saberes considerados elementares para esse espaço. Pela sua especificidade o saber ensinado na EF privilegia os saberes concretizados por meio do *fazer com* uma atividade (SCHNEIDER; BUENO, 2005), ou seja, passa pela vivência com os conteúdos, como lutas, futebol, brincadeiras e os jogos, por meio de diferentes formas de aprendê-los, em vários contextos. Isso não significa que avaliar nessa disciplina seja apenas centralizar os aspectos motores, mas entendê-la como forma de saber dentre outras possíveis, que também precisam ser visibilizadas (SANTOS et al, 2016). Nesse sentido, compreendemos que a diversificação da materialização da prática avaliativa, oferece maiores indícios a professores e alunos, de como os saberes estão sendo mobilizados, e o processo de aprendizagem consolidado.

Outro critério que os discentes evidenciam refere-se à avaliação pautada em aspectos comportamentais, como a participação, conforme pode ser observado abaixo:

[...] ele avaliava se participava se procurava aprender o que o professor estava passando, mesmo sem ter tanta habilidade em determinada atividade ou mesmo só de não atrapalhar, coisa que acontece muito em EF (Renan, UFOP, 2014).

Santos e Maximiano (2013) ao analisarem as experiências de avaliação de alunos do curso de FI do CEFD/UFES, nas aulas de EF da EB encontram resultado semelhante e chamam atenção para o uso da avaliação como mecanismo de controle. Para os autores participar da aula é condição para que ela aconteça. Contudo, a utilização dessa atitude como critério avaliativo, que tem suas implicações em uma nota, é uma forma utilizada pelo professor para que o aluno faça aula. Além disso, a centralização nesses atributos, em detrimento das demais dimensões do conhecimento, não fornece aos alunos dados mais amplos para visualizar a diversidade e complexidade das práticas pedagógicas.

Para além dos discentes que foram avaliados e citam os instrumentos e critérios utilizados, há aqueles que relatam que não foram avaliados na EB, como discorrem a seguir:

No meu ensino médio, não existia uma avaliação, todo mundo acabava passando com dez participando ou não da aula (Beatriz, UFF, 2014).
Eu já falei que não tive avaliação. [...] Ela não ensinou nada e nunca cobrou nada, eu nem sei como ela avaliava! (Katiane, UFMS, 2015).

Apesar dos discentes terem narrado que não foram avaliados, as narrativas indicam a presença da avaliação. Ao fazerem esse movimento os alunos evidenciam suas críticas sobre o modo como seus professores lidavam com a avaliação na EF escolar. Ao compreendermos esses e outros apontamentos presentes nas narrativas é importante ressaltar que, assim como as experiências avaliativas anteriores, a maneira como o curso anuncia sua concepção de formação influencia na perspectiva e maneira de avaliar do aluno.

Por meio disso vê-se a importância de problematizar a temática avaliação no curso de FI. Nas narrativas abaixo vemos a influência da FI no modo como as alunas rememoram e projetam o avaliar:

Eu achava que minha escola de ensino fundamental II e o ensino médio era a melhor escola no quesito EF, tinha o quarteto fantástico mais o atletismo [...] Depois eu entrei na faculdade e vi muitas outras opções. [...] Chega uma hora que você vê que é algo muito além daquilo. (Gabriela, UFSCAR, 2014).
[...] Eu gostaria de introduzir os PCNs, dá respaldo para introduzir os temas transversais, trabalhar alguma coisa da visão dos alunos com relação à atualidade, com os problemas que apresentam (Taissa, UFMS, 2015).

Gabriela narra como a FI impactou na maneira como ela enxergava a EF quando aluna da EB e a nova perspectiva construída agora prestes a se tornar docente, a amplitude e as possibilidades existentes no campo, para além das práticas vivenciadas por ela. Já Tássia pretende por em prática aquilo que aprendeu na FI. Nessa direção Mendes, Nascimento e Mendes (2007), destacam a importância de as diferentes disciplinas que constituem o currículo da FI se dedicarem às discussões sobre a avaliação. Isso pode ser uma possibilidade de melhorar/ampliar o debate sobre essa temática, assim como a formação profissional para lidar com práticas avaliativas mais qualitativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de dialogarmos com discentes de instituições distintas, as narrativas se aproximam quando analisamos suas respostas sobre as experiências avaliativas

no rememorado com a EB. Os principais critérios avaliativos vivenciados por eles foram: provas, participação e presença. Chama a atenção o uso da prova prática com ênfase no rendimento e; o uso da participação e presença como mecanismo de controle. Encontramos ainda aqueles que não reconhecem terem sido avaliados na EB, porém suas narrativa sindicam avaliação. Na verdade, ao fazerem esse movimento os alunos evidenciam suas críticas sobre o modo como seus professores lidavam com a avaliação na EF escolar.

Apesar de a rememoração da EB ser marcada pela tríade avaliação, rendimento e nota, ao projetarem sua prática avaliativa estas questões perdem força diante das novas perspectivas tecidas nos meios formativos, num movimento de (des) construção da visão de EF que adquiriram quando alunos para assim dar sentido a sua prática avaliativa após entrar no curso de FI.

NARRATIVAS DE PRÁTICAS EVALUATIVAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: (RE)SIGNIFICACIONES NA FORMACIÓN INICIAL

RESUMEN: *Analisa, a través de narrativas memorialísticas de los estudiantes de último año de Educación Física (EF) las experiencias de evaluación de la educación básica (EB) y sus posibles (re)significaciones en la formación inicial (FI). Se caracteriza como investigación narrativa (Certeau, 1994). Los resultados visibilizan que la EB se caracteriza por la tríada evaluación, rendimiento y nota. Al diseñar su práctica de la evaluación estas cuestiones pierden fuerza en la cara de las nuevas perspectivas tejidas en la FI.*

PALABRAS CLAVE: Evaluación; Narrativas; Formación inicial.

NARRATIVES OF EVALUATION PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: (RE)SIGNIFICATIONS INITIAL FORMATION

ABSTRACT: *It analyzes, through the memorialistic narratives of finalist students of the Physical Education (EF) course the evaluative experiences of basic education (EB) and their possible (re) significations in initial formation (FI). It is characterized as narrative research (Certeau, 1994). The results show that in the EB is marked by the triad evaluation, performance and note. In designing their evaluation practice, these issues lose strength in the face of the new perspectives of the FI.*

KEYWORDS: Evaluation; Narratives; Initial formation.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FROSSARD, M. L. **Memórias da formação inicial e projeções para atuação docente:** diálogos sobre avaliação com acadêmicos de educação física. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MENDES, E. H.; NASCIMENTO, J. V. do; MENDES, J. C. Metamorfoses na avaliação em educação física: da formação inicial à prática pedagógica Escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.13-37, jan./abr. 2007.

PALAFIX, G.H. M.; TERRA, D. V. Introdução à avaliação na Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 23-37, jan./dez. 1998.

SANTOS, W.; MAXIMIANO, F. L. Memórias discentes em Educação Física na Educação Básica: práticas avaliativas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 79-101, abr/jun de 2013.

SANTOS, W. et al. A relação dos alunos com os saberes nas aulas de Educação Física.

Journal of Physical Education, Maringá, v. 27, e2737, 2016.

SOUZA, E, C. **O conhecimento de si e estágios de formação de professores**. Petrópolis: DP.alli, 2006.